

DA ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO À FORMULAÇÃO DA PERGUNTA: O “EFEITO GATILHO” NAS PESQUISAS GEOLINGÜÍSTICAS

Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA/ CNPq)

INTRODUÇÃO

Uma das questões que se põem, como significativas, para o trabalho de campo nas pesquisas lingüísticas, diz respeito à forma de obtenção dos dados. Teoricamente, um *corpus* nessa área se pode constituir a partir de diferentes perspectivas. Primeiramente, a natureza da informação: dados da realidade oral da língua ou da sua representação na escrita. Em segundo lugar, as formas de obtenção.

Para o primeiro caso — a natureza da informação, dados da realidade oral da língua ou da sua representação na escrita —, no que diz respeito à documentação da expressão oral, abre-se um vasto campo marcado pelas possibilidades de variação diafásica. Constituem-se, então, como fonte, discursos, sermões, conferências, entrevistas, aulas, conversa formal ou coloquial, entre outros. Um mesmo falante, uno enquanto pessoa, apresenta-se multifacetado e por isso multidialetal, de acordo com o papel que desempenha no momento de efetivação do seu discurso. No que se refere à modalidade escrita, os textos vão dos mais formais — textos literários, discursos, sermões, etc. —, aos informais — de divulgação, correspondências íntimas, grafites em muros, etc.—, contando-se com aqueles nos quais se intercalam manifestações nas duas modalidades expressivas. Se a constituição de *corpora* a partir de textos escritos se depara com dificuldades de identificação precisa, datação dos textos, momento da produção, o trato com a realidade oral se defronta com outros aspectos a serem considerados, que vão desde a qualidade acústica da elocução ao momento e objetivos de sua produção, a que se junta a consciência, ou não, que pode ter o falante de estar sendo observado.

Para o segundo caso — as formas de obtenção —, consideram-se os diferentes modos de documentação da fala dos usuários de uma língua. Quanto aos registros escritos, cabe, prioritariamente o domínio ou o reconhecimento das formas de representação da escrita, nos períodos sob investigação. Um conhecimento do sistema ortográfico vigente na data em que se registram os documentos sob análise é imprescindível para o êxito da pesquisa. No que se refere à realidade oral, a questão se apresenta mais complexa. Por um lado, está o aspecto de espontaneidade ou não da fala considerada; por outro, o tipo de estímulo a que é submetido o falante para formular o seu discurso-resposta e o tipo de registro que se faz, considerando o conhecimento ou não que dele tem o falante em observação.

Para quaisquer das modalidades, porém, há de levar-se em conta o momento de sua produção, visto na perspectiva da sincronia ou da diacronia.

Nesta comunicação, propomo-nos discutir aspectos relacionados às formas de obtenção de dados na pesquisa lingüística de cunho oral, cujo teor de naturalidade da elocução, ditada por um maior ou menor monitoramento ou mesmo pela inexistência de qualquer tipo de condução, é sempre questionável. Para tanto, buscam-se os fundamentos da Geolingüística, acrescidos das bases fornecidas pela Sociolingüística, com vistas a examinar aspectos do comportamento de informantes no trato com a aplicação dos *Questionários Lingüísticos* do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil.

1 A NATUREZA DOS DADOS

Os dados em que se fundamentam estas considerações referem-se ao Projeto Atlas Lingüístico do Brasil, que, como tem sido reiteradamente apresentado em encontros científicos, é um projeto de caráter nacional que tem por objetivo descrever a realidade do português brasileiro com base em dados recolhidos a 1.100 informantes, distribuídos pelas diferentes regiões do país, representadas por 250 pontos que constituem a rede de localidades, e caracterizados, socialmente, como pertencentes a duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, aos dois gêneros e integrantes de duas faixas de escolaridade — fundamental (com até a 8ª série, sem, porém, ter concluído o curso) e universitária (já

tendo concluído o curso). Para tanto, serve-se de um conjunto de questionários, dos quais, a seguir, se apresentam as identificações e perguntas ilustrativas.

1. **Questionário Fonético-Fonológico (QFF)**, com perguntas que visam a obter uma mesma resposta em todos os pontos e por todos os informantes:

37. *Qual o contrário de feio?* (para obter-se a forma **bonito**)

2. **Questionário Semântico-Lexical (QSL)**:

100. *Como se chama a pessoa que não tem dentes?*

3. **Questionário Morfossintático (QMS)**:

6. *Um homem que rouba, você diz que é ladrão. E quando é uma mulher?*

A esses três questionários juntam-se Questões de prosódia, Questões de pragmática, Perguntas metalingüísticas, Temas para discursos semi-dirigidos e um Texto para leitura.

Nesta comunicação examinam-se aspectos dos resultados obtidos com a aplicação dos Questionários ALiB, especificamente do **Questionário Morfossintático (QMS)**, com vistas a focalizar a questão relativa ao entendimento de monitoramento e de suas repercussões na pesquisa lingüística de cunho dialetal. Tomam-se, para análise, os resultados da aplicação das perguntas 043 e 044 em duas regiões brasileiras: a Região Nordeste e a Região Sul. Para tanto, são examinados os resultados obtidos com a aplicação dessas perguntas em 12 pontos da rede — São Luís, Fortaleza, Teresina, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre —, a um total de 96 informantes. Os informantes considerados pertencem a duas faixas — faixa I-18 a 30 anos, faixa II-50 a 65 anos —, a dois níveis de escolaridade — universitário e fundamental — e representam os dois gêneros.

Parte-se, para esta reflexão, da afirmação preliminar de que toda aplicação de questionário — de qualquer sorte — apresenta-se como uma técnica monitorada, e busca-se analisar, a partir, de exemplos do Projeto ALiB, como se comporta ou deve se comportar o pesquisador, como deve lidar com esse ou aquele tipo de questionário e como interpretar os resultados, pondo-se em destaque o “efeito gatilho” que se pode observar na formulação de determinadas questões. Para tanto, nas respostas dos 96 informantes considerados, procura-se observar:

- (i) A natureza da formulação da pergunta.
- (ii) O grau de apreensão pelo informante e a natureza da sua resposta.
- (iii) O grau de interferência entre a maneira de formulação e a expressão da resposta.
- (iv) O “efeito gatilho” sobre as respostas registradas.

2 ALGUNS ASPECTOS DA APLICAÇÃO DO QMS NOS INQUÉRITOS DO PROJETO ALiB

Com essa intenção, examinam-se dados do Projeto ALiB, obtidos nas 12 capitais selecionadas e considerando-se um único dos questionários, o QMS, que se constitui de 49 perguntas direcionadas à apuração de fatos relativos à morfologia e à sintaxe, organizadas em seis subgrupos: Artigo, Substantivo, Adjetivo, Pronome, Verbo e Advérbio. A pergunta é feita, como nos demais questionários, de forma indireta, e, em princípio, seguiu-se a mesma formulação em todo o território nacional, da qual se teriam afastado os inquiridores por necessidade de clarear a sua interação com o informante ou por alguma falha na inquirição.

Para a presente análise, foram tomadas as perguntas 043 e 044 que, assim, se encontram, formuladas:

043 – O que você / o(a) senhor(a) fará amanhã?

044 - O que você / o(a) senhor(a) faria se ganhasse na loteria?

Como se percebe, busca-se apurar o uso do futuro do presente e do futuro do pretérito. Para tanto, a pergunta do inquiridor tem o tempo a apurar-se indicado na sua formulação, embora se observe que, muitas vezes, por lapso na inquirição, deixe de aparecer.

O resultado das 96 respostas examinadas, para cada pergunta, vem apresentado nas tabelas que sumarizam as informações levando em conta aspectos diatópicos, a partir das quais se tecem considerações.

Pergunta 043: o uso do futuro do presente

Os dados apresentados na Tabela 1 indicam que a resposta do informante parece não se deixar interferir pela formulação do inquiridor. Assim, no que diz respeito ao futuro do presente, a fala do inquiridor representa 37.6% de uso da forma de futuro do indicativo, enquanto a do informante perfaz apenas 7.1 %. Se observada a distribuição espacial, verifica-se que o aspecto diatópico não interfere, mantendo-se situação de idêntico perfil seja na Região Nordeste, seja na Região Sul, como atestam, respectivamente, os percentuais 36.5% (inquiridor) – 7.1 % (informante) e 40.7 % (inquiridor) – 7.4 % (informante), registrados nessas duas áreas.

Tabela 1
Futuro do Presente - dados gerais

	Forma utilizada			
	Fut.presente	Expressão verbal	Ind.pres.	Fut. Pretérito
Inquiridor	79 – 37.6 %	26 – 12.4 %	-	-
Informante	15 – 7.1 %	84 – 40.0 %	01 – 0.5 %	05 – 2.4 %
Totais parciais	94 – 44.7%	110 – 52.4 %	01 – 0.5 %	05 -2.4 %
Total Geral	210 - 100%			

Tabela 2
Futuro do Presente - distribuição diatópica: Região Nordeste

	Forma utilizada			
	Fut.presente	Expressão verbal	Ind.pres.	Fut. Pretérito
Inquiridor	57 – 36.5%	23 – 14.7%	-	-
Informante	11 – 7.1 %	60 – 38.5 %	01 – 0.6 %	04 – 2.6 %
Totais parciais	68 – 43.6 %	83 – 53.2 %	01– 0.6 %	04– 2.6 %
Total Geral	156 – 100%			

Tabela 3
Futuro do Presente - distribuição diatópica: Região Sul

	Forma utilizada			
	Fut.presente	Expressão verbal	Ind.pres.	Fut. Pretérito
Inquiridor	22 – 40.7 %	03 – 5.5 %	-	-
Informante	04 – 7.4 %	24 – 44.5 %	-	01 – 1.9 %
Totais parciais	26 – 48.1 %	27 – 50%	-	01 – 1.9 %
Total Geral	54 — 100%			

Dos dados gerais, merecem destaque:

(a) A ocorrência de uma única capital — 230/Florianópolis — cujos resultados revelam a utilização exclusiva do futuro do presente pelos inquiridores e da expressão verbal pelos informantes, ou seja, para a pergunta formulado com “o que fará amanhã”, ocorreu, como resposta, uma frase construída com uma expressão verbal — “vou fazer minhas tarefas”, “vou levar minha filha no colégio”.

(b) O registro de dois casos — 070 (Recife)/8 e 077 (Maceió)/7, respectivamente, a informante idosa e o informante idoso de nível universitário — nos quais o inquiridor utilizou uma expressão verbal para o futuro e os informantes responderam com o uso do futuro do presente:

070(Recife)/8

INQ. – *O que é que você **vai fazer** amanhã?*

INF. - *Amanhã não virei à universidade.*

077(Maceió)/7

INQ: - *O que o senhor **vai fazer** amanhã?*

INF - *Amanhã é sábado. Amanhã eu **estarei** na escola.*

c) A utilização do futuro do pretérito na resposta a uma pergunta formulada no futuro do presente.

243(Porto Alegre)/3

INQ. – *O que é que o senhor **fará** amanhã?*

INF. – *O que que eu **faria** amanhã?*

Pergunta 044: o uso do futuro do pretérito

Os dados apresentados na Tabela 4 mostram uniformidade de comportamento dos inquiridores uma vez que, sistematicamente, a pergunta foi formulada inicialmente como indicado no questionário, com o verbo no futuro de pretérito. As respostas dos informantes, porém, revelam três diferentes posturas: a) ouvido o futuro do pretérito, a resposta se utiliza dessa mesma forma; b) ouvido o futuro do pretérito, o informante responde com uma expressão verbal, sempre com a marca de imperfeito do indicativo; c) ouvido o futuro do pretérito, responde com o imperfeito do indicativo.

Como se observou de referência à pergunta 43, verifica-se que o aspecto diatópico, nesse caso, também não interfere, mantendo-se o mesmo perfil tanto para a Região Nordeste, como para a Região Sul, cujos dados referentes ao uso do futuro do pretérito apresentam, respectivamente, os percentuais 46.7 % (inquiridor) – 23.7 % (informante) e 43.6 % (inquiridor) – 23.6 % (informante), para essas duas áreas.

Tabela 4
Futuro do Pretérito – dados gerais

Locutor	Forma utilizada		
	Fut.pretérito	Expressão verbal	Imperf. indicativo
Inquiridor	95* - 45.9 %	-	
Informante	49** - 23.7 %	43 – 20.8 %	20 – 9.6 %
Totais parciais	144 – 69.6 %	43 – 20.8 %	20 – 9.6 %
Total geral	207 – 100%		

(*) Um inquiridor deixou de aplicar a pergunta

(**) A diferença numérica inquiridor/documentador deve-se ao fato de alguns informantes utilizarem mais de uma forma de expressão do tempo verbal sobre o qual se pergunta

Tabela 5
Futuro do Pretérito - distribuição diatópica: Região Nordeste

Locutor	Forma utilizada		
	Fut.pretérito	Expressão verbal	Imperf. indicativo
Inquiridor	71 – 46.7 %	-	-
Informante	36 – 23.7 %	31-20.4 %	14– 9.2 %
Totais parciais	107 – 70.4 %	31 -20.4 %	14 – 9.2 %
Total geral	152 – 100%		

Tabela 5
Futuro do Pretérito - distribuição diatópica: Região Sul

Locutor	Forma utilizada		
	Fut. pretérito	Expressão verbal	Imperf. indicativo
Inquiridor	24 – 43.6 %	-	-
Informante	13 – 23.6 %	12 – 21.9 %	06 – 10.9 %
Totais parciais	37 – 67.2 %	12 – 21.9 %	06 – 10.9 %
Total geral	55 – 100%		

CONCLUSÃO

Como inicialmente se fez referência, toda aplicação de questionário e de entrevista apresenta, necessariamente, um grau de monitoramento que se distribui por uma escala que vai do mais ao menos comprometido. As gravações secretas poderiam apresentar-se como a “forma ideal” de obter-se o dado linguístico no seu nível maior de espontaneidade, digamos, de “pureza” de expressão. Isso é, porém, verdade em parte, pois a naturalidade absoluta, imagino, nunca se atinge, uma vez que há sempre condicionamentos sociais — tipo de interlocutor, natureza do assunto, presença de participantes da conversa, etc. — e espaciais, que funcionam como controladores do ato de fala. Por outro lado, admite-se que a natureza da formulação da pergunta interfere na produção da resposta, razão pela qual o objeto de apuração nunca deve vir diretamente expresso na pergunta a ser posta. Tal postura metodológica procede e deve sempre ser observada para êxito da pesquisa. O “efeito gatilho” que, muitas vezes, resulta de uma deliberação metodológica ou de uma inquirição inadequada pode, no entanto, não atuar. E isso foi o que se pôde observar no caso específico da pergunta 043 do QMS nos inquéritos do Projeto ALiB, constatação que nos leva a uma reflexão conclusiva: o “efeito gatilho” é um fato real, mas a sua atuação pode ser acionada ou não como se pôde ver nos casos trazidos à consideração em que ora a formulação do inquiridor não interfere na resposta do informante, ora o discurso do inquiridor condiciona a própria formulação do informante. De maneira distinta, no caso da pergunta 044, poder-se-ia admitir que a majoritária presença dessa forma na fala dos informantes seria fruto do “efeito gatilho”. Fica, no entanto, uma questão — que não vai ser respondida agora! — a respeito deste último caso: a natureza hipotética da pergunta 044, que apura o futuro do pretérito, e, conseqüentemente, uma resposta também hipotética dada pelo informante, sentimento que, no discurso, se concretiza na forma mórfica do futuro do pretérito, não se constituem nas razões da ocorrência altamente representativa dessa forma verbal em tais circunstâncias?. Diferentemente, a pergunta 043 — que apura o futuro do presente — conta, na língua, com, pelo menos, três possibilidades de resolução — o próprio futuro do presente, expressões construídas com o verbo ir e o uso do presente do indicativo. E nisso não estaria a diferença? Fica a pergunta.

REFERENCIA

- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001. ISBN 85-7216-281-X.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Princípios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998. ISBN 84-344-8224-X..
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.). *Documentos 2*. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. ISBN 85-87243-56-X